

RESUMO EXPANDIDO

Categoria

Simpósio Temático 01 - PROCAD: relato das experiências (Centro
Universitário de Anápolis / UnB / UNESP)

O MATO GROSSO DE GOIÁS: RECONHECENDO ESPAÇO E NATUREZA SOB O OLHAR DE VIAJANTES NATURALISTAS

Fernando Gomes Barbosa; Maria Gonçalves da Silva Barbalho; Sandro Dutra e Silva;
Josana de Castro Peixoto

Resumo

O final do século XVIII e início do século XIX foram marcados por uma série de viagens exploratórias pelo território brasileiro cujo objetivo foi de mostrar a sociedade europeia as potencialidades do Brasil. Este estudo teve como objetivo apresentar os relatos dos viajantes naturalistas europeus que passaram pela província de Goiás no século XVIII e XIX, na Microrregião de Ceres pertencente ao Mato Grosso de Goiás (MGG), que apresentava fitofisionomia com predomínio de formações florestais. A metodologia consistiu na revisão bibliográfica sobre os viajantes naturalistas e nas pesquisas nos herbários para identificação das espécies da flora, bem como relato oral do pesquisador José Ângelo Rizzo, professor do Departamento de Botânica da Universidade Federal de Goiás. Um dos viajantes exploradores foi Auguste de Saint-Hilarie, botânico e naturalista que esteve em terras goianas no ano de 1819. Os relatos da sua passagem pelo território goiano estão no livro intitulado "Viagem a Provincia de Goiás". Outros botânicos como Auguste François Marie Glaziou (1833 – 1906), Johann Emmanuel Pohl (1782 – 1834), Ernst Heinrich George Ule (1854-1915), Hugh Algernon Weddell (1819-1877) e Willian John Burchell (1782-1863) contribuíram para o reconhecimento de várias espécies de fauna e flora, e foram lembrados nos estudos referentes ao estado de Goiás em meados de 1800, como desbravadores de fronteiras e ilustradores das condições da natureza. À partir da obra de Saint-Hilaire, Plantas usuais dos brasileiros, constatou-se o uso de 06 espécies para fins medicinais em Goiás. Os gêneros coletados pelos naturalistas foram listados, tendo a família Fabaceae a maior representatividade.

RESUMO EXPANDIDO

Apresentação

O final do século XVIII e início do século XIX foram marcados por um grande número de viagens exploratórias em território brasileiro que tinham como objetivo apresentar ao mundo europeu as potencialidades territoriais do Brasil. Esses viajantes naturalistas que passaram pelo Cerrado, deixaram vários relatos sobre a fauna e a flora que ocorriam na região.

Segundo Brandão (2015) esses cientistas fizeram observações minuciosas da vida do brasileiro na época, incluindo o uso de plantas medicinais. A contribuição para o conhecimento da flora brasileira é incalculável.

O avançar das fronteiras, a ação dos colonizadores, a agricultura e pecuária contribuíram para a mudança nas paisagens descritas pelos naturalistas que conseqüentemente levaram a um declínio da biodiversidade. A fronteira (TURNER, 2010; WEBB, 2003; NASH, 1982; McCREERY, 2006) é utilizada para explicar a relação entre os seres humanos e o cenário natural, realizada principalmente à partir da disponibilidade de recursos naturais.

Haller (2000) coloca como um dos traços básicos da fronteira a capacidade de atrair e fixar grande número de pessoas, interessadas em explorar intensivamente fontes naturais de riquezas recentemente descobertas. A paisagem, segundo Bertrand (1972) é uma estrutura morfológica determinada, que pode ser mensurada, quantificada e qualificada. Também pode ser alterada e modificada pelos interesses da sociedade.

Na história ambiental, a mudança da paisagem é utilizada para entender a relação entre sociedade e natureza. Para Drummond (1991) a história de um local pode ser lida pelas condições da paisagem, e essa leitura se dá principalmente pelas plantas, levando em consideração sua ausência ou presença na paisagem.

Dean (2013) afirma que a vegetação é considerada apenas uma simples reserva de recursos naturais e econômicos. Diz ainda, que na sua devastação, no caso da Mata Atlântica há um misto de exploração e desenvolvimento. No bioma Cerrado a ação de deflorestamento também pode ser correlacionada a esse misto de exploração x desenvolvimento, que causou ainda impactos negativos, muitas vezes irreversíveis ao

RESUMO EXPANDIDO

bioma Cerrado, que foram relatados e identificados nos trabalhos de Sano et al. (2008), Myers et al. (2000), Klink & Machado (2005) e Barbalho et al. (2015).

Rizzo (2005) reconstrói o caminho dos naturalistas na Província de Goiás. Nem todos os naturalistas que passaram pela Província de Goiás chegaram a percorrer e coletar espécimes no MGG. De acordo com os roteiros de viagem propostos, os relatos dos naturalistas, e a literatura do século XIX, abordaremos os relatos dos seguintes naturalistas: Auguste François Marie Glaziou, Auguste de Saint-Hilaire, Johann Emmanuel Pohl, Ernest Heinrich George Ule, Hugh Algernon Weddell e Willian John Burchell.

Esta pesquisa está inserida no projeto Novas fronteiras no oeste: relação entre sociedade e natureza na microrregião de Ceres em Goiás (1940-2013), financiado pela CAPES/PROCAD, desenvolvido em parceria entre os Programas de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – Campus Presidente Prudente (PPGG/UNESP); em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente do Centro Universitário de Anápolis (PPSTMA/UniEVANGÉLICA); e em Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS/UnB).

Metodologia

A metodologia constituiu de pesquisa bibliográfica e documental, com base também no contexto biográfico dos viajantes naturalistas bem como relato oral do professor pesquisador José Angelo Rizzo do Departamento de Botânica da Universidade Federal de Goiás - UFG. Foi realizada uma leitura sistemática de suas obras que retratam as viagens dos naturalistas em solo brasileiro e leitura de textos sobre a historiografia da região da Província de Goiás.

Foram realizadas ainda pesquisas em herbários virtuais, no objetivo de verificar as coletas das espécies descritas pelos viajantes naturalistas citados anteriormente no estado de Goiás. Este levantamento foi feito nas páginas eletrônicas de herbários como o Royal Botanic Gardens (KEW), o Muséum national d'histoire naturelle de Paris (MNHN), Herbário Virtual A. de Saint-Hilaire, Herbário Virtual A. Glaziou e do Herbário Virtual REFLORA.

Para a identificação de nomenclatura referente a autor e gênero foram consultados a base do Index Plant Names.

RESUMO EXPANDIDO

A Microrregião de Ceres e o “Mato Grosso de Goiás”, breve histórico de uso e ocupação das terras e localização

A microrregião de Ceres está situada na porção central do estado de Goiás e está inserida na Mesorregião central de Goiás. É formada por 22 municípios, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) essa microrregião corresponde a 0,38% da área total do estado. Apesar da pouca representatividade territorial, atualmente, é grande produtora de grãos (soja e milho) e de cana de açúcar do Estado de Goiás, e foi sede da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG). Na Figura 1 tem-se a localização da área de pesquisa e o mapa de cobertura e uso da terra de 2012 (SILVA et al., 2013).

O município de Ceres que nomeia esta microrregião, surgiu em 1941 a partir da criação da CANG. A Colônia constitui-se a partir da imigração de colonos, que interessados nas áreas florestais, retiravam a cobertura vegetal para plantio de arroz, milho ou café (FAISSOL, 1952). A medida que a CANG ia se desenvolvendo, a “Mata de São Patrício” que era formada por florestas densas foi substituída pela agricultura e pecuária.

Segundo Silva et al. (2013) na região do MGG predominava a formação florestal em áreas de Cerrado, que compunha com outras formações savânicas e campestres o mosaico de vegetação do bioma em Goiás.

O Mato Grosso de Goiás é uma extensa região florestal situada na parte centro-sul do Estado de Goiás. Ela começa nas proximidades da cidade de Anápolis e continua para oeste até a base da Serra Dourada, na região do Córrego do Ouro; no sentido norte-sul, vai das proximidades de Goiânia até um pouco ao norte de Itapaci. Abrange parte dos municípios de Anápolis, Pirenópolis, Jaraguá, Anicuns, Goiás, Mataúna, Itaberaí e Itapaci. Os municípios de Trindade e Inhumas estão inteiramente dentro da mata. (FAISSOL, 1952).

RESUMO EXPANDIDO

Parte dos municípios da Microrregião de Ceres está vinculado ao MGG. Cabe mencionar que nas obras de Faissol (1952) e Waibel (1958) não há registros dos 22 municípios que compõe a microrregião, uma vez que, a data de criação desses municípios é posterior as publicações dos referidos autores.

Os solos apresentavam fertilidade natural, o que contribuiu para que grandes áreas fossem incorporadas ao processo produtivo, com a substituição das formações florestais por lavouras e pastagem (FAISSOL, 1952). O referido autor classificou a vegetação em dois tipos: Mata de 1ª classe, muito presente na região da CANG, com características de floresta pluvial que ocorriam apenas em solos com boa fertilidade natural, grande quantidade de húmus e disponibilidade de água, mesmo na estação seca; Matas de 2ª classe, com predomínio de espécies vegetais semi-decíduas, solo mais seco e vegetação mais baixa. As matas de 1ª classe foram as primeiras a serem devastadas.

Todos estes fatores, aliado ao movimento imigratório espontâneo, levaram a devastação das formações florestais da microrregião de Ceres, o que levou a redução da biodiversidade, dentre outros impactos (SILVA, BARBALHO & FRANCO, 2013). Barbalho et al. (2015) usando técnica de métricas de paisagem, observou-se forte redução das formações florestais no período 1975 a 2012. Cobriam respectivamente 55,75% e 24%.

Viajantes Naturalistas

Os viajantes que percorreram o território brasileiro contribuíram, por meio de suas narrativas, para o conhecimento do Brasil do século XIX. Ao serem divulgadas no Velho Mundo, essas narrativas sobre as terras brasileiras, serviram para satisfazer a curiosidade de leitores ávidos por notícias de uma terra que por muito tempo permaneceu desconhecida e protegida pela Coroa portuguesa (SARNAGLIA, 2012).

Para Kury (2001) os naturalistas que vieram ao Brasil tomaram uma difícil decisão não apenas pelos perigos físicos que corriam durante a sua jornada, mas também porque a comunidade científica não valorizava o trabalho do viajante. No entanto, a autora eleva o papel do viajante, atribuindo-lhe a função de coletor, cujas coleções e informações são essenciais para a história natural.

RESUMO EXPANDIDO

À partir do relato oral e dos roteiros de viagens propostos por Rizzo (2005), revela-se a importância histórica e científica do trabalho dos pioneiros naturalistas na Província de Goiás. Rizzo relata a presença de dez importantes botânicos em Goiás no século XIX, sendo eles: Auguste François Marie Glaziou, Augustin François Cesar Provençal (Saint-Hilaire), Johan Emmanuel Pohl, Ernest Heinrich George Ule, George Gardner, Hugh Algernon Weddell, Karl. F. P. Von Martius, Ludwing Riedel, Peter Wilhelm Lund e Willian John Burchell.

Para a construção deste artigo, consideramos apenas os naturalistas que estiveram ou passaram pela microrregião de Ceres.

Naturalistas Viajantes na Microrregião de Ceres

Auguste François Marie Glaziou (1833-1906) desembarcou no Brasil em 1858 e permaneceu até 1893. Sua vinda ao Brasil em 1855 se deu em razão do convite feito pelo imperador D. Pedro II para que assumisse a direção geral do serviço de matas e jardins do Rio de Janeiro (RIZZO, 2005). Além de diplomado em engenharia civil, fez cursos teóricos e práticos de botânica e horticultura no Muséum d'Histoire Naturelle, em Paris (DOURADO,2008).

Coletou no Brasil espécimes botânicos nas matas e restingas de muitas províncias, dentre elas a de Goiás. Participou na condição de membro da 2ª Comissão Exploratória do Planalto Central do Brasil, que tinha por objetivo demarcar a área que poderia ser implantada a nova capital do Brasil (RIZZO, 2005).

Ainda segundo o referido autor, Glaziou teria visitado parte do MGG (Figura 2) quando passou por Meia Ponte e nos limites da Serra Dourada. Como participante da Comissão Exploratória do Planalto Central, percorreu os arredores da atual capital Brasília que margeia o MGG. Redigiu "Plantae Brasiliae centralis a Glaziou lectae", "Liste des Plantes du Bresil Central recueillies en 1861-1895" em 1895. Nesta obra as espécies vegetais são apresentadas por pequenas descrições, notas biológicas e biogeográficas. Glaziou, na introdução de seu livro, *Plantae Brasiliae centralis a Glaziou lectae*, comenta a estadia em Goiás,

"Os dois últimos anos que passei no Brasil foram dedicados exclusivamente à antiga província de Goiás, cuja vegetação está relacionada tanto a de Minas (...) O clima

RESUMO EXPANDIDO

de Goiás é quente e seco, no entanto, as noites são frescas e muito agradáveis; O solo dos campos é muito fértil, composto por micaxistos e areia; No entanto, cobertos com uma série de espécies de pastagens e resistentes à seca. (...) A vegetação florestal difere pouco um pouco daquela da costa. Há ainda a vegetação do cerrado com um aspecto diferente, formada por pequenas árvores dispersas, normalmente tortuosas, com grande presença de casca que perdem suas folhas na estação seca”. (GLAZIOU, 1895)

Johann Emmanuel Pohl (1782-1834) chegou ao Brasil na comitiva arquiduquesa Leopoldina da Austria. Participou como mineralogista, mas dedicou-se aos estudos botânicos. Dentre as suas obras estão *Plantarum brasilae ícones et descriptiones* e *Viagem no Interior do Brasil*, relata seus estudos sobre a Província de Goiás (RIZZO, 2005). Descreve o MGG de forma harmoniosa, como fez Saint-Hilaire a se deparar com a formação florestal em uma região que predominava as formações campestres. Espécies arbóreas como acáceas são exaltadas pelas sombras que proporcionavam alívio e descanso nas longas caminhadas.

Segundo Rizzo (2005), Pohl efetivamente passou pelo MGG, quando em viagem se deslocou às margens do Rio das Almas, Jaraguá, Serra de Jaraguá e a Floresta Primitiva do MGG. Pohl (1976, apud SILVA, 2015) descreve o MMG como:

As diversas e altas árvores desta floresta davam-nos sombra fresca. Acácias e loureiros da grossura de um homem e de 13 a 24 metros de altura, fetos disputando em tamanho com as palmeiras, em /resumo, magníficas formas vegetais alternavam-se com altas árvores de curiosos formatos, densamente reunidas, cujos nomes, por faltarem as flores, ficam à espera de futuros naturalistas.

Ernest Heinrich George Ule (1854-1915) chegou ao Brasil em 1883. Iniciou seus trabalhos na seção de botânica do Museu Nacional e passou pela Província de Goiás. Participou da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. O primeiro relatório científico sobre o Planalto Central foi preparado pela chamada Comissão Cruis, que foi enviada pelo Congresso para achar um local para a nova capital do país.

Nesse relatório fez uma breve descrição da flora dos vários elementos topográficos do Planalto Central (Waibel, 1948). Adentrou na Província de Goiás por Catalão, chegando ao Meia Ponte, Goiás e a Serra Dourada. (RIZZO, 2005).

RESUMO EXPANDIDO

“Florestas sómente se encontram nas baixadas e confins do Planalto: assim existe uma extensa floresta entre Meia-Ponte e Goyaz, tendo uma largura de 100 kilometros sobre 500 de comprimento, actualmente com muitas derrubadas para a cultura. Tambem ao sul de Goyaz e no caminho de Uberaba, se encontram ricas florestas. Não me foi possivel explorar este terreno, pela pouca demora neste trajecto, demorando-me mais nas regiões elevadas. Menciono simplesmente que estas florestas têm, geralmente, a mesma variedade de arvoredos que as mattas virgens da costa do Brazil, mas são algum tanto menos exuberantes, e menos cobertas de epiphytas. Estas, na verdade, não faltam, mas só apparecem parcialmente. Em certos trechos, a uberidade do solo era denunciada pelo apparecimento de plantas variadas e pela matta espessa das trepadeiras. Não aparece aqui a palmeira burity, mas a Euterpe e a Attalea. (ULE, Missão Cruls).

Hugh Algernon Weddel (1819-1877) nasceu na Inglaterra, cresceu na França, onde estudou medicina e botânica. Participou de expedições para coletar material de botânica. Em 1843 juntou-se a Francis de La Porte de Castelnau em sua expedição à América do Sul, mas deixou Castelnau em 1845 para prosseguir os seus estudos de botânica na Bolívia e no Peru. Depois de regressar a Paris, foi contratado pelo Museum d’Histoire Naturelle e empreendeu uma segunda viagem para o Peru e Bolívia, em 1851. Viajou pelo Brasil Central, principalmente com Castelnau, mas algumas vezes eles se separavam devido seus interesses pessoais (SILVA, 2013). Adentrou na Floresta do Mato Grosso, passando por Goiás, Serra Dourada e Meia Ponte conforme roteiro de viagem de Rizzo (2005). Dedicou-se a publicação de trabalhos oriundos principalmente das viagens a Bolívia, onde publicou *Histoire Naturelle des Quinquinas*.

Willian John Burchel (1782-1863) esteve no Brasil entre 1825 e 1830. Coletou materiais botânicos e realizou estudos geológicos. Passa por Jaraguá e conheceu os limites da Serra de Jaraguá onde teve contato com as formações florestais do MGG (RIZZO,2005). Burchell veio a Goiás e não deixou escritos (OLIVEIRA, 2006), mas fez desenhos (Figura 3) que registraram a sua passagem por terras goianas. Belluzo (2000), descreve a ação do botânico como um observador das pessoas do mesmo modo que anotava a vegetação, o terreno, a arquitetura e os conjuntos urbanos.

RESUMO EXPANDIDO

Dentre estes naturalistas, destaca-se Auguste François César Prouvençal de Saint Hilaire. Nascido na França no ano de 1779, botânico-naturalista, que chega então ao Brasil em 1816. Em 1819 chega a Goiás, passando 15 meses em meio a coletas de fauna, flora e minerais. Também descreveu costumes, etnografia, cultura e hábitos deste povo, escrevendo umas das principais obras de História Ambiental do estado: “Visita à Província de Goiás”.

Saint-Hilaire chegou ao Rio de Janeiro em julho de 1816, como membro da Embaixada da França e percorreu cerca de 2.500 léguas em um vasto itinerário, compreendendo as regiões sudeste e sul do Brasil, além do território do atual estado de Goiás (Neves et al. 2007). O naturalista chegou ao país integrando a comitiva do duque de Luxemburgo, embaixador francês designado para acorte portuguesa, sob o apoio financeiro do governo francês e do Museu de História Natural e Academia de Ciências de Paris. Coletou milhares de espécimes vegetais, minerais e animais para sua coleção, ajudando a construir a história botânica e ambiental de Goiás. Dean (1996) afirmou a importância dos estudos e coletas realizadas por Saint-Hilaire e considera como um reservatório de informações sobre os ecossistemas.

Após percorrer o Estado de Minas Gerais, Saint-Hilaire chegou em Goiás. Ao se deparar com a vegetação castigada pelo clima, sua descrição em relação ao Cerrado não é tão otimista quanto a paisagem percorrida em sua viagem ao Rio de Janeiro. Descreveu a paisagem vista na Serra de Corumbá como

(...) planalto imenso, deserto e bastante regular, coberto ora de pastagens naturais salpicadas de árvores raquíticas, ora exclusivamente de gramíneas, de algumas outras ervas e de subarbustos. Todas as plantas ressecadas pelo ardor do sol, tinham uma coloração amarela ou cinza que afligia o olhar. (Saint-Hilaire, 1975 p.22)

Na saída do Arraial de Jaraguá trouxe o MGG, uma mata fechada composta por grandes arbustos, árvores vigorosas com dosséis interligados, cipós entrelaçados, acantáceas e amarantáceas e em alguns trechos bambus formando uma espessa cobertura. O MGG revela uma mata fechada composta por vastas clareiras abertas para o cultivo da terra e que foram convertidas em áreas de pastagem com o capim gordura que se adaptara bem aquelas condições. Espécies como a Matomba (*Guazuma ulmifolia*) e o

RESUMO EXPANDIDO

chichá (*Sterculia chichá*), foram avaliadas por Saint-Hilaire pertencentes apenas ao MGG não sendo encontradas em outras matas vizinhas.

Por ser constituído de árvores de grande porte, o MGG trouxe alívio à caminhada de Saint-Hilaire, que viajava sobre o forte ardor do sol e tédio. Ele mesmo chegou a caracterizar sua viagem à Província de Goiás como infrutífera para a História Natural por causa da seca. Vastos campos salpicados com árvores raquíticas e uma paisagem de seca total com nenhuma planta em flor constantemente aparecem em seu discurso.

As espécies botânicas descritas por Saint-Hilaire em Goiás no século XIX e registradas em sua obra *Plantas usuais dos brasileiros* podem ser verificadas no Quadro 1, que também apresenta os locais de coleta no século XIX e os usos de cada planta. Ule, Glaziou e Burchell chegaram a coletar alguns dos espécimes conforme Quadro 2, que descreve as coletas realizadas pelos seis naturalistas em Goiás. Os locais de coleta, nos séculos XIX a XXI, foram identificados através de levantamento realizado na página do *Herbário Virtual da Flora e dos Fungos (HVFF)*, *Herbário virtual A. de Saint-Hilaire*, *Herbário virtual A. Glaziou* e *Herbário Virtual REFLORA*. Nos respectivos herbários não há a localização geográfica das coletas. Os registros contam apenas com a descrição geral: Província de Goiás, Província de Goyaz, Goiás, Goyaz, Estado de Goiás, Estado de Goyaz ou alguma outra descrição relacionada ao Estado de Goiás. Segundo Stehmann et al. (2009) as famílias de maior ocorrência para o endemismo na Mata Atlântica são Orchidaceae, Fabaceae, Asteraceae, Bromeliaceae, Poaceae, Myrtaceae, Melastomataceae, Euphorbiaceae, Rubiaceae e Apocynaceae. Se compararmos as coletas do botânicos citadas no quadro 2, vemos um expressivo número de gêneros destas famílias coletados no estado de Goiás.

Ainda de acordo com Stehmann et al. (2009) a família Fabaceae é a terceira maior das angiospermas, e a segunda em riqueza de espécies no Domínio Atlântico, onde ocorrem 133 gêneros e 945 espécies. *Mimosa*, com 105 espécies, representa mais de 10% de toda a diversidade encontrada na família. Para as coletas em Goiás, a família é a mais expressiva em diversidade de gêneros, tendo o gênero *Mimosa* coletado por Burchell, Pohl e Weddel.

RESUMO EXPANDIDO

Para a espécie *Strychnos pseudoquina* foram encontradas coletas mais atuais realizadas na Microrregião de Ceres, no então Mato Grosso de Goiás, no município de Barro Alto em 1992. (REFLORA). Para as demais espécies não há registro nas cidades que compõem a Microrregião de Ceres, mas há registros nas proximidades como Jaraguá, Goiânia, Corumbá, Pirenópolis e Goiânia.

Em relação à utilização das plantas indicada por Saint-Hilaire em sua obra, algumas atividades foram confirmadas por estudos biológicos, e outras vem sendo alvo de estudos fitoquímicos. A espécie *Strychnos pseudoquina* apresentou ação anti-inflamatória (CÔRTEZ et al., 2013) e hipoglicemiante e cicatrizante (HONÓRIO et al., 2008).

A espécie *Hortia brasiliana* apresentou ação antimicrobiana para patógeno da tuberculose (SEVERINO et al., 2015). É possível observar que a maioria das plantas nativas utilizadas no século XIX ainda carece de estudos que comprovem sua atividade terapêutica.

Neste sentido, estudos farmacológicos, toxicológicos e fitoquímicos de plantas de uso tradicional devem ser incentivados visando maior segurança para a população usuária e sedimentando as bases para o desenvolvimento de novos fitoterápicos. (OLIVEIRA, 2014).

Considerações Finais

Os relatos dos viajantes naturalistas são alguns dos elementos fundamentais na construção da história ambiental e reconstrução da paisagem. Ao longo de suas viagens pela Província de Goiás, percorreram diversos tipos de formações fitofisionômicas do Cerrado, coletando e descrevendo várias espécies que compõem a flora de Goiás.

A metodologia utilizada na pesquisa revelou a importância dos trabalhos dos naturalistas para a reconstrução da história ambiental na microrregião de Ceres. As pesquisas nos herbários permitiram identificar as coletas realizadas na microrregião de Ceres e no Mato Grosso de Goiás. Essas informações são importantes, uma vez que, vão subsidiar os trabalhos e pesquisas que estão sendo realizadas nos fragmentos florestais da referida microrregião para verificar se essas espécies ainda ocorrem na região.

RESUMO EXPANDIDO

Através das pesquisas em herbários virtuais foram encontrados registros de coletas, no século XIX, das espécies descritas pelos naturalistas no estado de Goiás, incluídas na obra de Saint-Hilaire “Plantas usuais dos brasileiros”. Foram identificadas as coletas realizadas na Microrregião de Ceres e próximas ao Mato Grosso de Goiás. Essas informações permitirão verificar de ocorrência dessas espécies atualmente.

Palavras Chave: Mato Grosso de Goiás; Microrregião de Ceres; Viajantes Naturalistas.

Referências:

BARBALHO, M. G. da S; SILVA, S. D.; GIUSTINA, C.D. Avaliação Temporal do Perfil da Vegetação da Microrregião de Ceres Através do uso de Métricas de Paisagem. Boletim Goiano de Geografia, vol. 35, núm. 3, 2015.

BELUZZO, Ana Maria de Moraes. O Brasil dos viajantes. 3. ed. São Paulo: Fundação Odebrecht; Metalivros; Ed. Objetiva, 2000. v. 3. P

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. Tradução Olga Cruz – Caderno de Ciências da Terra. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, nº13, 1972.

BOAVENTURA, D. M. R. Urbanização em Goiás no século XVIII. 2007Tese (Doutorado em Urbanismo)- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007.

BRANDÃO, Maria das Graças Lins. Plantas Úteis de Minas Gerais e Goiás na Obra dos Naturalistas. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. 2015.

CORTES, M. A., FRANÇA, E. L., REINAQUE, A. P., SCHERER, E. F., HONORIO-FRANÇA, A. C. Immunomodulation of human blood phagocytes by Strychnos pseudoquina ST. HILL adsorbed to polyethylene glycol (PEG) Polímeros. 2013;23:402–409.

DEAN, W. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004, 484 P.

RESUMO EXPANDIDO

DOURADO, G. M. Belle Époque dos Jardins – Da França ao Brasil do século XIX e início do XX. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. 215p. 2008.

DRUMMOND, Jose Augusto. A história ambiental: Temas, fontes e linhas de pesquisa. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 4, nº 8, 1991.

FAISSOL, Speridião. O “Mato Grosso de Goiás”. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Conselho Nacional de Geografia, 1952.

GLAZIOU, A. *Plantae Brasiliae centralis a Glaziou lectae, Liste des Plantes du Bresil Central recueillies en 1861-1895* (Mem. Soc. Bot. France 3. 1905-1913). 1895. Disponível em: <http://biodiversitylibrary.org/page/3461395>. Acesso em 03/06/2016.

HALLER, A. et all. “Os Níveis de Desenvolvimento Socioeconômico da População da Amazônia Brasileira”. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol VI (suplemento), julho 2000. P. 941-973. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000500010> Acesso em 10/12/2016.

HONORIO-FRANÇA, A.C., MARINS, C. M. F., BOLFRINI, F., FRANÇA, E. L. Evaluation of hypoglycemic activity and healing of extract from amongst bark of "Quina do Cerrado" (*Strychnos pseudoquina* ST. HILL). Acta Cir Bras. 2008;23(6):504-10

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Senso Demográfico 2010. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>.

KLINK, Carlos A.; MACHADO, Ricardo B. A conservação do Cerrado brasileiro. Megadiversidade v.1, n. 1, jul, 2005.

KURY, Lorelai. Viajantes e Naturalistas do Século XIX. In: PEREIRA, Paulo Roberto (Org). *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia de Fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Nova Fronteira, 2001.

LEANDRI, J. 1963 - Un botaniste français pionnier de la floristique brésilienne: Auguste-François-Marie Glaziou (28 août 1828-30 mars 1906) et ses collections au Muséum,

RESUMO EXPANDIDO

Adansonia. 3: 5-18. Disponível em: http://www.bhl-europe.eu/static/a059zw6f/a059zw6f_full_pdf.pdf. Acesso em 06/06/2016.

MCCEERY, D. *Frontier Goiás, 1822-1889*. Stanford, California, Stanford University Press, 2006, 297p.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER, C. G.; FONSECA, G. A. B.; KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, London, v. 403, p. 853-858, 2000.

NASH, R. F. *Wilderness and the American mind*. New Haven/London: Yale University Press, 1982.

NEVES, G. R.; MARTINS, L. B.; RADTKE, M. P. Mapa dos Itinerários de Saint-Hilaire; Viagem ao Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em www.ihgrgs.com.br. Acesso em 23/11/2015.

OLIVEIRA, A. M. V. de. Representações do lugar: o espaço construído goiano. IX SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO. São Paulo, 4 a 6 de setembro de 2006.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem no Interior do Brasil*. Itatiaia, SP: 1976.

REFLORA.

<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/ConsultaPublicoHVUC/ConsultaPublicoHVUC.do?idTestemunho=407349>. Acesso em 19/12/2016

RELATÓRIO MISSÃO CRULS. Rio de Janeiro, novembro de 2003. Disponível em: http://brasiliapoetica.blog.br/site/images/stories/relatorio_missao_cruls.pdf. Acesso em 08/12/2016.

RIZZO, José Ângelo. *Percurso de dez naturalistas*. Goiânia, Editora UFG, 2005.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem à província de Goiás, 1779-1853*. Tradução: Regina Regis Junqueira; apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Coleção Reconquista do Brasil. 1975.

SANO, Edson E.; ROSA, Roberto.; BRITO, Jorge L. S.; FERREIRA, Laerte G. Mapeamento semidetalhado do uso da terra do Bioma Cerrado. *Pesq. agropec. Bras.*, Brasília, v.43, n.1, p.153-156, jan. 2008.

RESUMO EXPANDIDO

SARNAGLIA, M. O Brasil sob o olhar estrangeiro: um estudo da obra dois anos no Brasil de Auguste François Biard. Caderno de resumos & Anais do 6º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas. Ouro Preto: EdUFOP, 2012.

Severino, M.F.G.F. Silva, R. Lucarini, L.B. Montanari, W.R. Cunha, A.H.C. Vinholis, C.H.G. Martins Determination of the antibacterial activity of crude extracts and compounds isolated from *Hortia oreadica* (Rutaceae) against oral pathogens Braz. J. Microbiol., 40 (2009), pp. 535–540.

SILVA, V. L. da. Herança de um Brasil Central: Aspectos do Patrimônio Indígena Brasileiro na Ótica dos Viajantes e Pesquisadores Não Brasileiros de Alexandre Rodrigues Ferreira a Claude Lévi-Strauss. Dissertação (mestrado em desenvolvimento local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2013.

SILVA, S.D.; BARBALHO, M. G. da S.; FRANCO, J.L.de A. Expansão sucroalcooleira e a devastação ambiental nas matas do São Patrício, microrregião de Ceres, GO. Histórias, Histórias. Brasília, v. 1 n. 1, 2013.

SILVA, S. D. Os estigmatizados: distinções urbanas às margens do rio das Almas em Goiás (1941-1959). Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, 2008.

SILVA, S. D.; FRANCO, J. L. A.; DRUMMOND, J. A. Devastação florestal no oeste brasileiro: colonização, migração e a expansão da fronteira agrícola em Goiás. Hlb. REVISTA DE HISTORIA IBEROAMERICANA, Semestral vol 8, n. 2, 2015.

STEHMANN, J.R.; FORZZA, R.C.; SALINO, A.; SOBRAL, M.; COSTA, D. P.; KAMINO, L. H. Y. (Org.). Plantas da Floresta Atlântica. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro 2009. v. 1. 500 p.

TURNER, F. J. The frontier in American history. Mineola, New York: Dover Publications, Inc., 2010

WAIBEL, Leo. Vegetação e o Uso da Terra no Planalto Central. Revista Brasileira de Geografia. Nº 3, Ano X, 1948.

WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

WEBB, W. P. The great frontier. Reno, Las Vegas: University of Nevada Press, 2003.



RESUMO EXPANDIDO